



“De aspecto alegre, construído em apreciável colina”, o extristemente famoso Onze BC

Maruípe: bairro com um passado e olhos no futuro

Por Sérgio Luz

Já não se vê mais o mister Berger, um estrangeiro alto e excêntrico, que nos fins de tarde passeava a cavalo por suas propriedades; nem as crianças de lá são divididas em duas turmas que todo dia brincavam e/ou brigavam em animadas peladas, que só terminavam quando não se enxergava mais a bola nem o adversário.

Muita coisa mudou em Maruípe. Hoje, mesmo se por milagre o mister Berger tivesse vencido o tempo e fosse vivo, no mínimo causaria um grande rebuliço, se visitasse de novo a sua propriedade — pois teria de atravessar, a cavalo, o campus biomédico da Ufes, os hospitais das Clínicas e Santa Rita de Cássia, mais o Horto Florestal. A atração das tardes já não é mais Turma do Muchinga versus da Arruda (Maruípe) porque se

toda a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutou na Itália, muitos deles soldados vindos diretamente das cadeias para a tropa. Depois de andar de um Estado para outro, criando problemas onde ficava o batalhão, veio parar finalmente em Vitória — daí o **Cansado de Guerra**. E em Vitória, o 11º BC não desmereceu a fama — até hoje há quem lembre dos ataques dos soldados às mulheres, os inúmeros assaltos e as incontáveis aruaças promovidas pelos **Cansados de Guerra**.

Em 1953, o “moderníssimo quartel de Maruípe, de aspecto alegre construído em apreciável colina”) segundo uma publicação da Polícia Militar) foi devolvido pelo Exército e passou a ser ocupado pela PM.

Mesmo assim, pelo menos em comparação com o terrível 11º BC — na cabeça da população farda continuou sendo farda, e o nome de Maruípe acabou ficando identificado com o Exército.

na época, da tuberculose. “No quintal do Sanatório” — recorda o líder do PDS — “tinha uns pés de araçá que acabavam apodrecendo porque ninguém tinha coragem de pular o muro, por causa do medo da tuberculose”.

Ele se lembra ainda das vendas de Neném Gáudio e de Hermirio Pinheiro, os únicos negócios — junto da barbearia de Erlon Bastos — que havia em Maruípe. O barbeiro, um dia, começou a construir um Centro Espírita como seu último trabalho em vida: disse que, quando o Centro ficasse pronto, ele morreria. E quando começou a funcionar o Centro Espírita João Evangelista — com um importante serviço de atendimento às pessoas carentes — Erlon Bastos morreu do coração. O Centro fundador.

SEGURANÇA TOTAL

Mas, por mais que Maruípe evoque



Maruípe: bairro com um passado e olhos no futuro

Por Sérgio Luz

Já não se vê mais o mister Berger, um estrangeiro alto e excêntrico, que nos fins de tarde passeava a cavalo por suas propriedades; nem as crianças de lá são divididas em duas turmas que todo dia brincavam e/ou brigavam em animadas peladas, que só terminavam quando não se enxergava mais a bola nem o adversário.

Muita coisa mudou em Maruípe. Hoje, mesmo se por milagre o mister Berger tivesse vencido o tempo e fosse vivo, no mínimo causaria um grande rebuliço, se visitasse de novo a sua propriedade — pois teria de atravessar, a cavalo, o campus biomédico da Ufes, os hospitais das Clínicas e Santa Rita de Cássia, mais o Horto Florestal. A atração das tardes já não é mais Turma do Muchinga versus Turma da Avenida (Maruípe) porque se hoje as crianças saíssem para disputar, a papos, os balões que os ventos juninos mpurravam para o Muchinga, teriam de entender com os seus atuais moradores, pois o Muchinga é nada menos que o bairro de Vila Maria.

CAMINHO DE MOSQUITO

A paisagem de Maruípe, enfim, mudou. E foi mais que uma mudança violenta, daquelas que da noite para o dia transformam as feições de um lugar. As transformações porque passou esse bairro — que no Império foi a fazenda do Dr. Inácio Accioli de Vasconcelos, ouvidor da Comarca de Vitória nomeado por D. Pedro I para o Governo do Estado — só podem ser sentidas ao longo das últimas cinco décadas.

Nesse período — do final da República Velha, 1930, até os dias atuais — ao mesmo tempo em que os enormes terrenos vazios do bairro eram progressivamente ocupados (a maioria por invasão), mais diminuída a área geográfica do que se convencionava chamar de Maruípe. Mas não havia nenhum passe de mágica: ocorreu que, em certa época da vida de Vitória, não era de bom tom dizer que era morador de Maruípe; era preferível, como no caso da Vila Maria, criar um outro bairro — e assim surgiram Santa Cecília (antiga fazenda de Seu Aurinho), Bairro da Penha, Itararé, São Cristóvão, Tabuazeiro, Andorinha, entre outros.

E por que essa relutância em identificar-se morador de Maruípe? Há duas possíveis explicações para isso. A primeira, a mais simples, é a de que o bairro espantava pelo próprio nome: Maruípe — segundo o jornalista e pesquisador Edgard Feitosa — “deriva de marul ou maroim, corruptela de imberul, que quer dizer mosquito e pé caminho”.

“Primitivamente” — prossegue Edgard Feitosa — “era sítio infestado de mosquitos de mordedura ou picada forte e incômoda. Maruípe vem a ser, assim, caminho de mosquito”.

OS CANSADOS DE GUERRA

A outra versão tem menos de filologia e mais de pragmatismo. Conta-se que durante a II Guerra Mundial e no período imediatamente posterior, o Exército se alojou onde é hoje o Quartel General da Polícia Militar (então cedido ao Governo Federal, para a defesa da costa capixaba), o 11º Batalhão de Caçadores, o tristemente célebre Onze BC, que até hoje é lembrado por alguns moradores.

Esse batalhão ficou sendo conhecido como o Cansado de Guerra, e era formado pelo que havia de mais indisciplinado em

toda a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutou na Itália, muitos deles soldados vindos diretamente das cadeias para a tropa. Depois de andar de um Estado para outro, criando problemas onde ficava o batalhão, veio parar finalmente em Vitória — daí o Cansado de Guerra. E em Vitória, o 11º BC não desmereceu a fama — até hoje há quem lembre dos ataques dos soldados às mulheres, os inúmeros assaltos e as incontáveis aruaças promovidas pelos Cansados de Guerra.

Em 1953, o “moderníssimo quartel de Maruípe, de aspecto alegre construído em apreciável colina”) segundo uma publicação da Polícia Militar) foi devolvido pelo Exército e passou a ser ocupado pela PM. pelo menos em comparação com o terrível 11º BC — na cabeça da população farda continuou sendo farda, e o nome de Maruípe acabou ficando identificado com o Quartel General.

MEMÓRIA COLORIDA

Esta talvez seja uma das explicações para o crescente surgimento de bairros novos, enquanto o bairro de Maruípe, pelo menos pela palavra, ia diminuindo. Por isso, não é simples coincidência que não haja no IBGE, na Fundação Jones Santos Neves ou na Prefeitura uma delimitação precisa das fronteiras do bairro. Qualquer estudo abrange a área que antigamente era Maruípe, mas que hoje tem outros nomes.

Assim, através das poucas informações catalogadas, sabe-se, por exemplo, que a área terrestre é de 162,2 hectares (dos quais 93,6 residencial), que a população, em 1970 ou no ano 2010, será de 17.712 habitantes. Esses dados, porém, são como fotografias em preto e branco se comparadas com o colorido das lembranças de seus tradicionais moradores.

Este é o caso de Natalino Amálio Cassoli, motorista aposentado que — sinal dos tempos — deixou de trabalhar na Polícia Militar, onde recebia 90 mil-réis para trabalhar no Estado, por 120 mil-réis. Seu Natalino, aos 67 anos, ainda se lembra do mister Berger — alemão apesar de ser tratado de mister — do tempo em que o atual Cemitério de Boa Vista era uma escola particular e de quando havia o Sanatório Getúlio Vargas, onde hoje é o Hospital das Clínicas.

Ao seu lado, outro morador, antigo de Maruípe, Delínio Alves, de 59 anos, se lembra de algumas histórias sobre o mister Berger que o pai contava. Era um fazendeiro, solteiro a vida inteira, que todo dia andava a cavalo, solitário, por toda a propriedade.

Um dia, conta Delínio, mister Berger perdeu durante o passeio a bolsa, com bastante dinheiro. Um morador, a pé, correu atrás dele, que, ao receber a bolsa, deu apenas alguns trocados pelo achado, acompanhados de uma frase: “Agora vá comprar uma corda prá você se enforcar...”

O ARAÇÁ DO SANATÓRIO

Outro morador que guarda imagens bem vivas desses tempos antigos é o vereador e líder do PDS na Câmara Municipal de Vitória, Edilson Lucas do Amaral, ele próprio integrante da Turma da Avenida, que media forças (físicas e futebolísticas) com a Turma do Muchinga. Edilson mora há 37 anos (tem 43) em Maruípe (e se lembra de quando o Sanatório Getúlio Vargas causava medo na garotada, assustada com a alta incidência,

na época, da tuberculose. “No quintal do Sanatório” — recorda o líder do PDS — “tinha uns pés de araçá que acabavam apodrecendo porque ninguém tinha coragem de pular o muro, por causa do medo da tuberculose”.

Ele se lembra ainda das vendas de Neném Gáudio e de Hermirio Pinheiro, os únicos negócios — junto da barbearia de Erlon Bastos — que havia em Maruípe. O barbeiro, um dia, começou a construir um Centro Espírita como seu último trabalho em vida: disse que, quando o Centro ficasse pronto, ele morreria. E quando começou a funcionar o Centro Espírita João Evangelista — com um importante serviço de atendimento às pessoas carentes — Erlon Bastos morreu do coração. O Centro fundador.

SEGURANÇA TOTAL

Mas, por mais que Maruípe evoque belas nostalgias, é no futuro que seus moradores pensam. Para Natalino Cassoli, Maruípe é hoje um bairro privilegiado, sem qualquer problema de segurança (são 800 soldados só no Quartel General da PM...) ou de enchentes provocadas pela chuva (em duas horas, garantem, fica tudo seco).

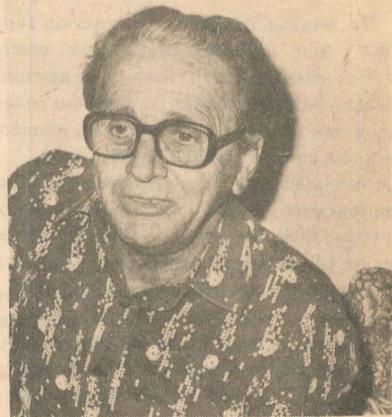
É o comerciante Aristóbulo Bezerra, morador há mais de 20 anos do local, acredita que se Maruípe passasse a contar com supermercado, um banco e uma padaria de melhor porte, a vida lá seria bem melhor.

Hoje, segundo entende Aristóbulo Bezerra, Maruípe é um bairro já consolidado, com suas populações divididas em espécies de sub-bairros em volta da Avenida Maruípe. E nos limites físicos do bairro, há de tudo. Há, por exemplo, igrejas para todos os gostos — quatro católicas, Batista, Adventista, Assembléia de Deus, além do Centro Espírita e do terreiro de macumba, que por sinal fica perto da Loja Maçônica.

Além disso, Maruípe tem dois hospitais (o das Clínicas e o de Santa Rita de Cássia), três colégios (Suzete Cuendet, Hildebrando Lucas e o Polivalente), um Centro de Saúde, duas faculdades (Medicina e Odontologia), um cartório e o Sesi, além do Cemitério e do Quartel da PM.

Maruípe, portanto, é um bairro onde, apesar do seu rico passado, os moradores têm os olhos no futuro. E agora que já não há mais o medo da tuberculose ou dos Cansados de Guerra, agora que o caminho de mosquito é reminiscência indígena, e enquanto todos esperam o banco, o supermercado e a padaria maior, ainda há tempo e espaço físico para um relaxante jogo de bocha, diariamente, na praça, em frente ao campus da Ufes.

Joecir Secreta



Aristóbulo Bezerra, comerciante

Joecir Secreta



Imprescindível jogo de bocha, todas as tardes, no Largo do Eucalipto